

GRUPO DE SUPORTE COM PACIENTES PORTADORES DE FIBROMIALGIA

Douglas Vieira Silva¹
Hemis Andre Maia²
Maria Clara Pereira de Almeida³
Mayra Oliveira da Rocha Badaró⁴
Taiane Santos de Oliveira⁵
Hila Martins Campos Faria⁶

RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo apresentar um projeto de assistência psicológica grupal à pacientes portadores de fibromialgia. Essa doença pode ser definida como uma síndrome de dor músculo-esquelética generalizada crônica, acompanhada, frequentemente, de outras alterações, tanto físicas como mentais. Por meio do trabalho de grupo busca-se identificar e trabalhar o impacto psicossocial do adoecimento; identificar e trabalhar fatores psicossociais que influenciam na evolução da doença; proporcionar aos pacientes um espaço para troca de experiências; trabalhar a relação singular do paciente com a sua dor; e, por fim, favorecer a adesão ao tratamento. A partir do referencial teórico psicanalítico, propõe-se um Grupo de Suporte, considerado muito efetivo no tratamento e doenças físicas e psíquicas, sendo caracterizado pelo enfoque na pessoa, com o propósito de falar e pensar a partir da situação vivenciada. Espera-se como resultado da intervenção grupal a melhora na qualidade de vida das pessoas que convivem com as intensas dores da fibromialgia, por meio do compartilhamento de vivências e conflitos, sobretudo aqueles que surgiram em decorrência da doença, ou que influenciaram no seu surgimento e na sua evolução. Os fatores biopsicossociais que podem ser alcançados com o trabalho grupal se relacionam à aceitação da doença, a participação no mercado de trabalho, ao relacionamento familiar, a socialização, à melhora em fatores psicológicos associados, tal como a depressão. Por fim, destaca-se sobre a importância de

¹ Discentes do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: douglasvies@gmail.com

² Discentes do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: hemisandre@gmail.com

³ Discentes do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: mariaclaritaalmeida@hotmail.com

⁴ Discentes do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: mayrabadaro@yahoo.com.br

⁵ Discentes do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: taiane_cmjf@yahoo.com.br

⁶ Docente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: hilafaria@cesjf.br

uma assistência integral aos pacientes portadores de fibromialgia considerando os aspectos multicausais dessa forma de adoecimento.

Palavras-chave: Fibromialgia. Assistência psicológica. Grupo de Suporte.

1 INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica de Psicologia da Saúde (LAPS) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 2011. Atualmente, é composta por 15 discentes do curso de Psicologia sob a coordenação de uma professora.

A LAPS tem como objetivos propiciar aos interessados o aprofundamento em Saúde Pública e Coletiva; mobilizar os alunos em atividades de promoção, prevenção e tratamento em saúde; realizar práticas educativas em saúde; incentivar a produção científica; organizar eventos acadêmicos; manter o vínculo com instituições parceiras que tenham o objetivo de proporcionar uma formação abrangente aos discentes nos aspectos prático e a transformação social, desenvolvendo os conhecimentos adquiridos em benefício da sociedade.

Em visto disso, a Laps propõe um trabalho de intervenção grupal com os pacientes portadores de fibromialgia. A ideia surgiu a partir de uma demanda do setor de fisioterapia da Unipac, onde é ofertada assistência a esse público, composto, em sua totalidade, por mulheres. Como essas mulheres recebem um cuidado da fisioterapia, além do atendimento médico, não sendo, portanto, ofertado à elas nenhuma assistência emocional, foi realizado uma parceria entre o CES, via LAPS, com a Faculdade Unipac de Juiz de Fora, a fim de proporcionar uma assistência integral. Cabe ressaltar a importância da assistência psicológica a esse público, dado o componente emocional frequentemente associado à doença. Essa proposta é inovadora na região.

Tem-se com objetivos da assistência psicológica grupal: identificar e trabalhar o impacto psicossocial do adoecimento; identificar e trabalhar fatores psicossociais que influenciam na evolução da doença; proporcionar aos

pacientes um espaço para troca de experiências; trabalhar a relação singular do paciente com a sua dor; e, por fim, favorecer a adesão ao tratamento.

Ribeiro (2016) define a fibromialgia como uma síndrome de dor músculo-esquelética generalizada crônica, acompanhada, frequentemente, de outras alterações, tanto físicas como mentais.

De acordo com Chaitow (2002 apud Silva; Rumim 2012, p.), a fibromialgia é compreendida pela Medicina como “uma doença que determina dor muscular crônica por diversas áreas do corpo”. Segundo o autor, é uma condição reumática não-deformante e sua etiologia está associada a múltiplas causas. Os sintomas da fibromialgia são diversos: dor crônica, fadiga persistente, rigidez matinal generalizada, sensação subjetiva de inchaço nas articulações, cefaleias tensionais, síndrome de intestino irritável e dismenorrea e sono não reparador. O sono não reparador significa que o paciente acorda sentindo-se tão cansado quanto antes de dormir e pode também ocorrer a interrupção do ciclo de sono com prejuízos para sua retomada (insônia terminal) em consequência da intensificação dos quadros dolorosos.

Segundo Ribeiro (2016), apesar de vários estudos sobre a causa e origem da doença, a etiologia da fibromialgia permanece incerta. Porém, há estudos que dizem que sua etiologia pode ser multifatorial. Ferreira (2015) relata que a causa da fibromialgia pode envolver fatores genéticos, estados inflamatórios, perturbações do sono e variados fatores psicológicos.

Sendo assim, buscar-se-á qualificar a assistência recebida por esses pacientes por meio da promoção de um espaço de acolhimento e compartilhamento de afetos, que poderá resultar na estabilidade emocional e na consequente melhora da doença.

2 TEORIAS DE GRUPO

De acordo com Zimerman, todo ser humano vive grande parte de sua vida integrando, interagindo e relacionando-se com diversos grupos. Desde seus

primeiros momentos de vida, o ser humano já começa a participar de grupos, como grupos de família, escola, amigos e segue até para filas de ônibus, trabalho e grupos terapêuticos (ZIMERMAN, 2000.).

Zimerman compara o ambiente acolhedor de um grupo ao conceito de *Holding* de Winnicott. Este se refere ao conjunto de cuidados físicos oferecidos, empaticamente, pela mãe ao bebê, que envolvem o acolhimento e a segurança, por exemplo. Segundo ele:

O holding constitui a sustentação que permitirá ao bebê desenvolver seu potencial inato em direção ao ser, internalizando os cuidados recebidos como forma de crer em seus próprios recursos de enfrentamento e de encarar o mundo de modo realista e confiante. Já a falta de sustentação ocasionará o sentimento de desintegração (ou não existência), gerando a angústia de aniquilamento ou caos. (ZIMERMAN, 2000, p. 122)

O autor ressalta que o ser humano é cercado durante toda a vida pela ambivalência de sentir-se cuidado e também de lançar-se ao mundo. Por isso, tem a necessidade de relações grupais afetuosas e empáticas para que o self seja reforçado e o indivíduo se sinta seguro no caminho da afirmação de sua individualidade e garantia de sua identidade; esse processo é facilitado quando há coesão grupal (ZIMERMAN, 2000).

Zimerman (2000) pontua que alguns autores configuram um grupo a partir de uma relação entre duas pessoas, enquanto para outros o grupo é definido quando há no mínimo três integrantes., Zimerman (2000) ainda difere dois tipos de grupos: os grandes grupos, que fazem parte da área da macrosociologia, e os pequenos grupos, que pertencem à microsociologia. Neste há uma subdivisão entre grupos, os propriamente ditos e agrupamentos, que podem ser representados por um conjunto de pessoas que diferenciam-se pelas suas inter-relações, mas que, através do diálogo e da interação entre os membros, pode vir a constituir um grupo propriamente dito.

O autor acrescenta alguns requisitos que caracterizam um grupo propriamente dito. Dentre eles, afirma que um grupo se configura como uma nova entidade, que possui suas próprias leis, normas e mecanismos

específicos, portanto, o mesmo não pode ser definido como um mero somatório de pessoas. Assim, para configurar um grupo, é preciso que haja objetivos comuns entre os integrantes, sendo importante atentar-se também para o tamanho do grupo, para que seja possível preservar uma boa comunicação entre os membros. Deve haver ainda um estabelecimento de um *setting* e o cumprimento do contrato terapêutico, que inclua as normas, o tempo e o local da proposta grupal. Além disso, apesar da importância da configuração grupal, o autor destaca que não se pode deixar de considerar as individualidades dos componentes do grupo (ZIMERMAN, 2000.).

Sendo assim, naturalmente o homem cria vínculos, compartilha objetivos comuns e busca apoio e ajuda dos seus semelhantes. A partir dessa ideia, Campos (2000) discorre sobre os Grupos de Suporte, que possuem como principal fundamento a elevação da autoestima, da autoconfiança e do autoconhecimento, tendo em vista o fortalecimento do *self* dos integrantes do grupo.

Para Campos (2000), o Grupo de Suporte é caracterizado pelo enfoque na pessoa, com o propósito de falar e pensar a partir da situação vivenciada; pela valorização do sintoma físico como foco da atenção e, em contrapartida, a não valorização dos dados históricos referentes à doença; pela busca da percepção das inter-relações do sofrimento comum; e pelo suporte ao paciente da correlação vida-doença. Os Grupos de Suporte são muito efetivos no tratamento de doenças físicas e psíquicas, como aponta Campos (2000):

As pessoas reunidas em torno de uma situação comum sentem-se imediatamente identificadas, unidas umas às outras. Compartilham das mesmas angústias e das mesmas esperanças, das mesmas limitações e discriminações, das mesmas prescrições e recomendações. Já se vê que a troca de cuidados e informações flui com maior vigor em tais grupos. A possibilidade de se encontrarem regularmente e o estímulo às trocas afetuosas, por meio da criação e da manutenção de vínculos interpessoais, complementam o clima de coesão e apoio que as pessoas necessitam para o enfrentamento de suas mazelas (CAMPOS, 2000, p. 124).

O autor acrescenta ainda que quando um grupo de pessoas se reúne por uma vivência em comum, tal vivência possibilita uma identificação entre os integrantes, e conseqüentemente, a coesão grupal. Com isso, torna-se favorável a aceitação entre os membros e diminui a discriminação social. Campos (2000), enfatiza que o grupo não tem a pretensão de resolver conflitos individuais dos membros, mas sim de identificar os fatores e as melhores formas de lidar com a doença. Nesta perspectiva, é possível a utilização de diversas técnicas no desenvolvimento do Grupo de Suporte, como: dramatizações, dinâmicas de grupo e exercícios corporais, desde que estejam compatíveis com o contexto grupal (CAMPOS, 2000.).

Ainda de acordo com o referido autor, os grupos de suportes fazem-se necessários na medida em que alguns indivíduos encontram dificuldades de ver o mundo de modo realista e otimista. No mundo de hoje, mais do que nunca, pelo fato do ser humano ter inventado e feito muitas descobertas, tem-se vivido momentos de grande inquietude e perplexidade. Conseqüentemente, o homem tende a perder sua individualidade, seus vínculos, seus referenciais de sociedade e a rede afetiva que o ligava aos outros, perante tantas hipóteses e papéis. Nesse sentido, os Grupos de Suporte vêm como mecanismo para aproximar as pessoas, auxiliá-las na elevação de suas autoestimas e ocupar o vazio existentes nas relações com afetos, olhares e palavras, além de desenvolver a autonomia e interdependências dos participantes (CAMPOS, 2000.).

Assim, Fortes (2000) cita uma série de motivos pelos quais o trabalho em grupo seria mais adequado do que a psicoterapia individual para pacientes com dor crônica, dentre eles, destacam-se a menor centralização no terapeuta, proporcionando mais autonomia aos próprios pacientes; a possibilidade de identificação com outros membros do grupo que passam por situações semelhantes, sendo uma defesa utilizada como um meio de elaboração; o favorecimento de socialização em detrimento do isolamento, geralmente apresentado por esses pacientes; o espaço de fala, que acaba por facilitar ao

paciente a se expressar sobre suas questões emocionais e sentimentais; o apoio e o aprendizado para melhor vivenciar a dor; e a possibilidade da conscientização e da educação sobre os sintomas e as formas de conviver com o quadro, visando uma melhor qualidade de vida (FORTES, 2000).

Fortes (2000) considera ainda que a terapia de grupo pode ser, muitas vezes, mais adequada para o tratamento de patologias relacionadas às dores crônicas. Assim, propõe-se um trabalho de intervenção grupal com pacientes portadores de fibromialgia.

A Fibromialgia é definida como uma síndrome dolorosa que irá atingir, preferencialmente, as mulheres; tem característica de dores musculares difusas que costumam ser associadas “a distúrbios do sono, fadiga, cefaleia crônica e distúrbios psíquicos e intestinais funcionais” (GAVIOLI; MARTINEZ; PANOSSIAN, 2006, p. 33).

Em relação à história, somente em 1977 que o médico Hugh Smythe e o psicólogo Harvey Moldovsky detalharam o quadro clínico da doença e propuseram um diagnóstico (KOSSOFF, 1999 apud SÁ et al. 2005).

Além disso, pode-se pensar a dor da fibromialgia como resultado de um sujeito que era suscetível e que, com o somatório de agentes estressantes, ela venha como uma manifestação de um conflito vivido internamente por tal. Uma forma de melhorar este quadro de dor seria interferir diretamente no suprimento das necessidades do indivíduo. Assim, por não suportar, psicicamente, esse conflito que vivencia, o sujeito não entra em contato com a causa do problema, não enxergando o seu sofrimento, o que acaba convertendo a dor emocional em uma dor física (FELDMAN, FERNANDEZ, MAEDA, 2005).

Logo, distúrbios mentais e/ou emocionais podem estar presentes naqueles com fibromialgia, “incluindo alterações do humor, irritabilidade, dificuldade de concentração perda de memória etc” (FELDMAN, FERNANDEZ, MAEDA, 2005, p. 4). Estes são sintomas que podem se apresentar em conjunto ou isoladamente, o que, com a dificuldade do diagnóstico da doença,

faça com que muitos sejam tratados como pacientes com depressão (FELDMAN, FERNANDEZ, MAEDA, 2005).

Dessa forma, o tratamento inclui, além de medicamentos, intervenções não farmacológicas. Nesse sentido, hoje as terapias psicológicas estão sendo mais utilizadas, buscando principalmente a possibilidade de mudança de comportamento e melhoria da qualidade de vida (FELDMAN; FERNANDEZ; MAEDA, 2005).

Em relação a grupos de pacientes com fibromialgia, Barboza, Bittar e Souza (2016) identificam que as atividades em grupos possibilitam que os participantes conheçam e compartilhem sobre as mesmas condições de saúde, sentimentos e maneiras de conviver com a doença. Além disso, no estudo feito pelos autores supracitados, com um grupo de mulheres com fibromialgia, percebeu-se que a convivência foi um momento em que elas valorizavam as relações afetivas, por se sentirem acolhidas, redescobrimo novos vínculos afetivos; “um momento de vivenciar e compartilhar sentimentos positivos, traduzidos através das palavras ‘carinho’, ‘amizade’, ‘atenção’ e ‘ânimo’ para frequentar o grupo” (BARBOZA, BITTAR, SOUZA, 2016, p.).

Outra questão levantada no mesmo estudo foi que as participantes se sentiam pertencentes a um grupo social, “as que sentem dor”. Assim, salienta-se que o convívio delas em grupo no qual estabeleciam diálogos com troca de informações e conhecimentos – principalmente das dificuldades -, contribuía para estabelecer saúde e enfrentamento participativo (BARBOZA; BITTAR; SOUZA, 2016).

Dessa forma, Barboza, Bittar e Souza (2016) cita alguns trabalhos (SANTOS et al, 2006; SILVA et al, 2003; MUNARI; SOARES; GODOY; ESPERDIÃO, 2008) concluindo que grupos valorizam a aproximação natural das pessoas, propiciam o fortalecimento das potencialidades individuais e grupais, a valorização da saúde, a utilização de recursos disponíveis e o exercício da cidadania. Além do mais, a convivência em grupos com indivíduos com problemas que sejam semelhantes, levam a uma experiência que pode

desenvolver um ambiente com caráter terapêutico. Uma ajuda mútua pode contribuir para quebrar barreiras, atribuída à possibilidade de receberem um retorno e sugestões daqueles que enfrentam os mesmos problemas e situações (MUNARI et al, 2008 apud BARBOZA, BITTAR, SOUZA, 2016). No entanto, sabe-se que algumas questões, como o interesse e comprometimento dos participantes nas atividades, são extremamente importantes, tendo como resultado novos conhecimentos que foram adquiridos nas dinâmicas (SILVA et al, 2003 apud BARBOZA; BITTAR; SOUZA, 2016).

Logo, as dinâmicas em grupo levam a experiências efetivas e afetivas, construindo novos conhecimentos e sentimentos que contribuem com a mudança de alguns comportamentos ou atitudes e maneiras de pensar (SILVEIRA; RIBEIRO, 2005).

No estudo já citado anteriormente de Barboza, Bittar e Souza (2016), a partir do grupo de mulheres com fibromialgia, percebeu-se que com o término dos encontros, houveram mudanças no ambiente familiar, profissional e até mesmo nas atividades diárias. Além dos momentos de socialização, alegria e conhecimento, houveram também aqueles em que as participantes relataram as questões de cuidado e acolhimento; percebeu-se que elas valorizavam também o trabalho desenvolvido, talvez pelo cuidado de considerar a participação delas, valorizando as suas experiências e as estimulando a falar um pouco mais sobre os seus contextos sócio-familiares, o que parece ter ajudado na comunicação entre os profissionais e estas participantes.

Os grupos de promoção a saúde descortinam possibilidades para as ciências da saúde que vão além do ato de combater as doenças. Tais grupos, além de permitirem o resgate da solidariedade, o processo de superação, tanto física quanto psicológica, de um nível individual para grupal, levam deste para um mais amplo, o social (BARBOZA; BITTAR; SOUZA, 2016).

Dessa maneira, em trabalhos com grupos de fibromialgia, as participações em conjunto das atividades são percebidas como recursos de apoio que buscam estratégias no campo das relações sociais, emocionais e

físicas e enfrentamento positivo frente à condição crônica da fibromialgia. A participação das atividades em grupos representa para aqueles que participam, a possibilidade de redescoberta e a necessidade de autocuidado (BARBOZA, BITTAR, SOUZA, 2016).

3 METODOLOGIA

Antes de iniciar os encontros, se faz necessário a elaboração de como se dará o processo e de como será classificados os grupos e o processo. Portanto, à partir de um referencial psicanalítico, refletiu-se sobre as possibilidades e principais características necessárias para que o grupo funcione de maneira eficaz dentro dos seus objetivos.

Segundo Zimerman (2000), a classificação de grupos se dá à partir dos seus próprios objetivos. Os grupos podem ser classificados entre Operativos e Terapêuticos segundo tal autor. Diante da proposta presente, o grupo Terapêutico de Auto ajuda, também abordado por outros autores como mútuo ajuda, é a modalidade escolhida. “Os grupos de auto ajuda, como o nome designa, são compostos por pessoas portadoras de uma mesma categoria de necessidade, as quais, em linhas gerais, especialmente no campo da Medicina (...) (ZIMERMAN, 2000, p.94). Esse tipo de classificação conta ainda com seis subgrupos, do qual o projeto em questão se encaixa no subgrupo ‘suporte’, sendo específico para casos de cronicidade física psíquica, pacientes terminais e outros (ZIMERMAN, 2000).

O grupo contará com um coordenador e um co-coordenador, sendo classificado, ainda, como aberto e homogêneo, com a ressalva que o referencial de homogeneidade será o diagnóstico de fibromialgia. Portanto, outros fatores como sexo, idade, raça e escolaridade, por exemplo, poderão se apresentar de forma heterogênea.

O grupo de suporte às pessoas com fibromialgia possui a proposta de ser realizado na Clínica Escola de Psicologia (CE) do Centro de Ensino

Superior de Juiz de Fora (CES/JF), contendo no mínimo 6 participantes e no máximo 12. As reuniões acontecerão de 15 em 15 dias, terão a duração de 1 hora e 30 minutos, dia da semana e horário ainda a ser definido de acordo com a disponibilidade da CE, participantes e coordenadores. Haverá divulgação e recrutamento de possíveis participantes em instituições médicas que prestam assistência na área de reumatologia, faculdades e universidades que possuem vínculos com a área da saúde, dando prioridade à Unipac, instituição que trouxe a demanda, inspirando, assim, o presente projeto. Serão feitas entrevistas individuais com a finalidade de apresentar a proposta do grupo e avaliar os critérios de inclusão e exclusão propostos.

Os critérios de inclusão abordam a disponibilidade e o desejo do possível participante, bem como na identificação destes com os objetivos do grupo. Como critério principal, o indivíduo deverá ter diagnóstico fechado de fibromialgia. Os critérios de exclusão correspondem à pessoas que não se identifiquem com a proposta do grupo, que tenham menos de 19 anos, - visto que crianças e adolescentes possuem suas particularidades e necessitariam de grupos especiais para lidar com suas questões – pessoas com comprometimentos cognitivos e mentais graves – pois podem comprometer o bom funcionamento do grupo caso haja dificuldades em dar feedbacks. Os critérios de exclusão poderão ser relativizados mediante avaliação de casos específicos.

Após a seleção dos participantes, caso o número máximo de vagas seja alcançado, será feita uma fila de espera com pessoas que correspondam aos critérios de inclusão e exclusão. Por se tratar de um grupo aberto, desistências ou desligamentos durante os encontros poderão ocorrer, desta forma, irá recorrer-se à lista de espera.

No primeiro encontro os aspectos mais importantes para o início e continuação do grupo serão apresentados. Será feito um contrato, explicando todos os objetivos, a forma de funcionamento e dinâmica de um trabalho em grupo. Para o segundo encontro existe a proposta de levantar temas de

interesse trazidos pelos participantes, possibilitando a criação de um cronograma flexível, privilegiando sempre às necessidades e expressão do grupo.

4 RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

Espera-se como resultados do grupo com pessoas portadoras de fibromialgia o alcance dos objetivos descritos acima. Desse modo, pretende-se alcançar uma discussão efetiva sobre o tema, de forma a proporcionar uma melhora na qualidade de vida das pessoas que convivem com as intensas dores da fibromialgia, além de proporcionar aos integrantes o compartilhamento de experiências com o grupo. Por meio deste trabalho espera-se gerar impactos positivos para os componentes do mesmo, de modo que estas pessoas possam compartilhar vivências e conflitos, sobretudo aqueles que surgiram em decorrência da doença, ou que influenciaram no seu surgimento e na sua evolução.

Os fatores biopsicossociais que podem ser alcançados com o trabalho grupo se relacionam com a aceitação da doença, a participação no mercado de trabalho, o relacionamento familiar, a socialização, uma melhora em fatores psicológicos associados, tal como a depressão, entre outros. De acordo com o estudo de Barboza, Souza e Bittar (2016) realizado com mulheres com fibromialgia, foi possível constatar, por meio dos relatos destas, que a dor possui um significado que vai para além das questões físicas, visto que esta se intensifica diante de situações conflituosas, tais como em momentos de luto, perdas, preocupações e ansiedades. Outra questão relevante na fibromialgia que é elucidada pelos autores é a respeito do desgaste das relações familiares no cotidiano devido a aspectos sociais e psicológicos associados ao adoecimento.

Nos grupos analisados por Barboza, Souza e Bittar (2016) e Miranda et al (2016), emergiram, principalmente, questões sobre a valorização das

relações familiares e sociais, acolhimento e formação de novos vínculos afetivos, bem como uma melhora nos integrantes do grupo em relação as questões de autocuidado e sentimentos de empoderamento. Destacando que no trabalho de Barboza, Souza e Bittar (2016) utilizou-se como base a aproximação natural e o fortalecimento dos potenciais tanto individuais quanto grupais. Ao final dos processos estudados foi possível perceber mudanças positivas em diversos aspectos da vida das integrantes, com uma ampliação da sociabilidade, da alegria e mesmo uma diminuição das dores.

Busca-se no trabalho a ser realizado as relações entre os fatores psicossociais do adoecimento e a manifestação e evolução da fibromialgia, bem como o lugar que a dor ocupa na vida dos participantes. Pretende-se ofertar uma melhor qualidade de vida aos integrantes, por meio da promoção da saúde, da sociabilidade e valorização do indivíduo, para que se obtenham resultados positivos no que se refere às relações interpessoais e a provável atenuação das dores físicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do projeto de intervenção formulado, destinado ao trabalho com grupo de pacientes com fibromialgia, busca-se entender a relação da patologia, cujo principal sintoma é a dor crônica, com a potencialidade dos fatores emocionais no desenvolvimento e na manutenção dessa síndrome.

Durante o trabalho o enfoque será na percepção da potencialidade dos gatilhos emocionais e como a síndrome afeta os pacientes no âmbito global de sua vida. Por fim, aponta-se para a necessidade não apenas da assistência psicológica, mas também para a pesquisa, tendo em vista uma melhor compreensão dos aspectos psicossomáticos, ou seja, das relações mente e corpo, envolvidas no adoecimento por fibromialgia.

ABSTRACT

SUPPORT GROUP WITH PATIENTS WITH FIBROMYALGIA

That work have like principal objective show an Project of psychology assistance group for patients bearers of fibromyalgia. That disease can be defined as a syndrome of muscle skeletal pain chronic generalized accompanied, frequently, of other changes, as physical as mentals. By means of work group, try to identificat and work the psychosocial impact of the illness; identificat and work psychological factores that influenc at the evolution of the disease; provide for the pacientes a space to Exchange experiences; work the singular relation of patients with the pain, and, lastly, favour acession for the treatment. Starting of theoretical reference of psychoanalytic, we propose an Support Group, considering very effective in treatment and physical diseases and psychological, characterized approach at the person, with the purpose of talk and think about the experience situation. It is expected as result of grupal intervention the improvement in quality on life of the people that live together the intense pains of the fibromyalgia, by means of sharing of experiences and conflicts, especially those that arose as a result of the disease, or that influenced your emergence and your evolution. The biopsychosocial factores that can be achieved with the group work are related to the acceptance of the disease, the participation in the labor Market, the Family relationship, the socialization, the improvement associated psychological factors, such as depression. Ultimately, is detached about the importance of a integral assistance for patients bearers of fibromyalgia considering the aspects multicausals of this form of illness.

Key words: Fibromyalgia. Psychological assistance. Support Group.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Marcelo Alves; BITTAR, Cléria Maria Lobo; SOUZA, Pauliana Carolina de. Relatos de mulheres fibromiálgicas: grupo como estratégia para a promoção da saúde. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 131-141, jul.\dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6281/4499>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CAMPOS, Eugênio Paes. Grupos de Suporte. In: FILHO, Júlio de Mello. **Grupo e corpo: Psicoterapia de Grupo com Pacientes Somáticos**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.117-129.

FELDMAN, Daniel; FERNANDEZ, Maria Isela Garcia; MAEDA, Ana Maria Canzonieri. Compreendendo a dor psíquica dos portadores de fibromialgia. **Revista Brasileira de Medicina**, São Paulo, v. 63, n. 1-2, p. 18-22, jan.\fev. 2006. Disponível em: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=3242. Acesso em: 15 nov. 2018.

FERREIRA, Axel João Oliveira. Fibromialgia: conceito e abordagem clínica. Coimbra, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/30455/1/Fibromialgia%20conceito%20e%20abordagem%20cl%C3%ADnica.pdf> Acesso em 27 de Outubro de 2018.

FORTES, Sandra Lúcia Correia Lima. Grupos com Pacientes com Dor Crônica. In: FILHO, Júlio de Mello. **Grupo e corpo: Psicoterapia de Grupo com Pacientes Somáticos**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 332-343.

GAVIOLI, Fernanda; MARTINEZ, José Eduardo; PANOSSIAN, Claudia. Estudo comparativo das características clínicas e abordagem de pacientes com fibromialgia atendidos em serviço público de reumatologia e em consultório particular. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 32-36, jan.\fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbr/v46n1/29384.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MIRANDA, Nathália Aparecida Costa Guedes et al. Práxis interdisciplinar de cuidado em grupo de pessoas que vivem com fibromialgia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 69, n. 6, p. 1115-1123, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1115.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

RIBEIRO, Filipa Neves. Fibromialgia: o corpo, a mente e o estigma. Espinho, 2016. Disponível em: <https://repositorio->

IV SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E PESQUISA

05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2018



aberto.up.pt/bitstream/10216/83756/2/132245.pdf Acesso em: 27 de Outubro de 2018.

SÁ, Eduardo et al. A dor e o sofrimento: algumas reflexões a propósito da compreensão psicológica da fibromialgia. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, Porto, Portugal, v. 7, n. 1-2, p. 101-113, jan.\dez. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28770208>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SILVA, Thaisa Angelica Deo; RUMIM, Cassiano Ricardo. A fibromialgia e a manifestação de sofrimento psíquico. Fortaleza, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000200012Acesso em: 27 de Outubro de 2018.

ZIMERMAN, David. E. **Fundamentos básicos das Grupoterapias**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.